

Brady: plano evita turbulência

Paris — O secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, disse ontem que a estratégia da administração do presidente George Bush sobre a dívida internacional oferece às nações do Terceiro Mundo a esperança de resolver seus problemas econômicos sem enfrentar uma turbulência social.

Falando na associação de imprensa anglo-americana, Brady disse que havia observado alentadores progressos desde que o plano foi posto em marcha, em março. Declarou que as discussões que se realizam entre três ou quatro nações devedoras e os bancos comerciais demonstram que estamos no caminho certo.

"Não chegamos a um acordo, porém, temos a energia e a oportunidade", disse Brady, ao comparar a situação presente com o agônico processo que existiu antes do anúncio do plano.

Disse que o novo enfoque sobre a redução da dívida é extremamente importante e fará com que o problema da dívida se torne mais manejável e

se reduza, portanto, em volume.

O Plano Brady propõe aos bancos comerciais o perdão de uma parte substancial de seus empréstimos às nações fortemente endividadas, como Brasil e México, em troca de garantias de que o restante será pago.

Essas garantias devem ser estendidas pelo FMI e pelo Banco Mundial. Num discurso ante banqueiros franceses ontem, em Paris, o diretor gerente do FMI, Michel Camdessus, disse que os bancos comerciais devem fazer mais e depressa para ajudar as nações pobres a reduzir seu endividamento. Os bancos comerciais têm se queixado de que não podem aceitar maiores reduções no principal e nos juros porque o FMI e o Banco Mundial não estão oferecendo os incentivos financeiros suficientes. No mês passado, o presidente François Mitterrand, seguindo seu próprio plano sobre a dívida, anunciou que a França perdoaria 10 por cento da dívida de uns 30 países da África. Perguntado

se esta decisão era importante, Brady disse que qualquer passo era parte do processo, porém neste caso não era o aspecto principal do progresso na solução da dívida.

Brady se encontra em Paris para assistir à reunião dos ministros do Comércio, Economia e Finanças das 24 nações da Organização para a Cooperação Econômica e o Desenvolvimento. Reiterou que uma alta do dólar norte-americano poderia prejudicar os esforços para o ajuste dos desequilíbrios econômicos mundiais.

Disse que os Estados Unidos continuarão cooperando com seus sócios comerciais na atenção às pressões sobre os mercados mundiais de intercâmbio.

Perguntado se a junta da reserva federal dos Estados Unidos estava planejando abrandar sua posição creditícia, Brady disse que as taxas de juros no mercado norte-americano são só parte do problema, e que essas taxas em outros países do Grupo dos 7 também são parte da equação.